



Coordenação
Béata Cieszyńska e José Eduardo Franco

HOLODOMOR

A DESCONHECIDA TRAGÉDIA UCRANIANA (1932-1933)

Prefácio de Guilherme d'Oliveira Martins



Editado e com Introdução de
Béata Cieszyńska
José Eduardo Franco

HOLODOMOR

A DESCONHECIDA TRAGÉDIA UCRANIANA (1932-1933)

Com a colaboração especial de
Ana Carina Prokopyshyn e Luís de Matos Ribeiro

Prefácio de
Guilherme d'Oliveira Martins

FICHA TÉCNICA

Título:

Holodomor. A Desconhecida Tragédia Ucrâniana (1932-1933)

Coordenação:

Béata Cieszyńska
José Eduardo Franco

Série:

Biblioteca Ibero-Eslava

Linha:

Ciência para a Sociedade

Revisão:

Ana Prokopyshyn, Luís de Matos Ribeiro, Mariana Gomes da Costa e Joana Marcos

Coordenação editorial:

Rui Grácio

Design gráfico:

Grácio Editor

1ª Edição: Junho de 2013

ISBN: 978-989-8377-39-5

Depósito legal:

© CompaRes e Grácio Editor

Avenida Emídio Navarro, 93, 2.º, Sala E

3000-151 COIMBRA

Telef.: 239 091 658

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

Índice

<i>Agradecimentos</i>	7
<i>Índice de Ilustrações</i>	8

PREFÁCIO

<i>Memória e Dignidade</i>	11
Guilherme d'Oliveira Martins	

ABERTURA

<i>Introdução: HOLODOMOR – A Desconhecida Tragédia Ucrâniana</i>	17
José Eduardo Franco e Béata Cieszyńska	

<i>Resolução n.º 1723 da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa</i>	27
---	----

I PARTE

APROXIMAÇÕES HISTÓRICAS

<i>A trajectória económica da U.R.S.S. e a Grande Fome na Ucrânia</i>	33
António Ramos dos Santos	

<i>A Grande Fome na Ucrânia (1932-1933)</i>	41
Carlos Gaspar	

<i>Espectros da História – Os outros 6 milhões</i> <i>Holodomor – O holocausto ucraniano</i>	47
José Luís Andrade	

<i>Holodomor: O Império da Fome</i>	51
Luís de Matos Ribeiro	

<i>Holodomor, Relações Internacionais e Interesse Nacional</i>	109
Rui Miguel Ribeiro	

<i>Holodomor – A Morte Sem Voz</i>	115
Henrique Vaz Duarte	

<i>Holodomor – História e Justiça</i>	121
António Rosa Mendes	

II PARTE

APRECIACÕES JURÍDICAS

<i>O Holodomor como Genocídio. Uma Avaliação Jurídica</i>	125
Volodymyr Vassylenko	

III PARTE IMPRESSÕES DA IMPRENSA

i. Meios de Comunicação Portugueses	
<i>A grande fome</i>	163
Luciano Amaral	
<i>Holodomor</i>	165
Nuno Rogeiro	
ii. Comunidade Ucraniana em Portugal	
<i>Os ucranianos pedem o reconhecimento da “Grande Fome” (Golodomor)</i> ..	167
Mariya Dets	
<i>A Comunidade Ucraniana em Portugal e o Holodomor. Um Dever de Memória</i> ...	171
Pavlo Sadokha	
<i>O Golodomor no contexto da Quinzena Histórica e Cultural da Ucrânia na Universidade de Lisboa em 2009</i>	178
Rostyslav Tronenko	

IV PARTE VISÕES ARTÍSTICAS

<i>“O cativo constrói” – A ideia de redenção na literatura do Gulag</i>	183
Rui Bebiano	
<i>Holodomor – Paisagem desertificada – Exposição «Et in Arcadia Ego»</i> ...	191
Manuel Valente Alves	
<i>Holodomor - Famine with Children</i>	197
Tiago Pimentel	
<i>Holodomor</i>	198
Henrique Vaz Duarte	
<i>Ilustração do texto de Nuno Rogeiro</i>	199
Francisco Providência	

V PARTE DECLARAÇÕES

<i>Introdução e Apresentação</i>	203
Luís de Matos Ribeiro e Ana Prokopyshyn	
<i>Listagem de Documentos</i>	206
1. Organizações Internacionais	206
2. Parlamentos Nacionais	206
3. Dirigentes Políticos e Religiosos	207
4. Assembleias Regionais, Estaduais e Municipais	207
5. Comunidade Académica	207
6. Cerimónias que assinalam o Aniversário do Holodomor	207

IV PARTE
VISÕES ARTÍSTICAS

“O CATIVEIRO CONSTRÓI” – A IDEIA DE REDENÇÃO NA LITERATURA DO *GULAG*

Rui Bebiano¹

(Universidade de Coimbra – Centro de Estudos Sociais)

Uma simples folha de papel de escrever

Parecia um milagre

Caindo do céu sobre a floresta negra.

(V. Shalamov)

O escritor ucraniano Georgi Vladimov (1931-2003) redigiu *The Faithful Ruslan* (New York, 1979), *O Fiel Ruslam*, na época do Degelo, quando ao abrigo da política de «desestalinização» Krushev suavizou um pouco a habitual intervenção da censura literária. Mas apesar da iniciativa, duas décadas depois este pequeno romance-alegoria – que em 1992 serviria de argumento a um filme para televisão realizado por Vladimir Khmel'nitsky – ainda circulava apenas pelo interior do estreito e clandestino circuito *samizdat* de cópia e distribuição. O protagonista-narrador é um cão que cumprira com sinistra devoção o seu trabalho de auxiliar dos guardas num campo de trabalho. Fechado o campo, os seus donos humanos partiram para uma nova vida, mas Ruslan encontrou uma última missão: numa atitude de fidelidade para com o único mundo que conhecera e servira, passou a seguir por todo o lado um antigo prisioneiro entretanto libertado, vigiando-lhe os passos e as atitudes. No final juntar-se-á a uma matilha para despedá-lo e devorá-lo, tal como a um grupo de operários da fábrica que sucedera aos antigos pavilhões carcerários, num festim de morte e zelo iniciado quando lhe pareceu que estes violavam as regras rígidas e impiedosas que fora treinado para fazer cumprir. Boa parte da memória escrita dos sobreviventes dos campos de concentração recupera sempre esta dimensão simbólica da irreversibilidade do passado: aqueles que os habitaram na condição de prisioneiros, e sobreviveram para contar a experiência, jamais abandonaram de todo as rotinas e os condicio-

¹ Historiador. Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais. Este artigo corresponde a uma versão revista e ampliada de um outro, publicado originalmente na revista *LER* de Novembro de 2009.

namentos impostos pelos longos anos de uma vida sem lugar para a transgressão ou para a esperança.

Quando penetramos nos relatos daqueles que conseguiram sobreviver aos espaços carcerários de extermínio ou de trabalho, desde os *Lagern* nazis à rede imensa e complexa do *Gulag* soviético, percebe-se, porém, que a caracterização do encarceramento concentracionário, «a experiência do século» como lhe chamou Heinrich Böll, diverge entre eles num aspecto crucial. Nos grandes campos alemães, o detido era-o num tempo que antecedia a mais do que previsível inevitabilidade do fim. E sabia-o de antemão, uma vez que pertencia, em regra, a um grupo destinado a ser erradicado de forma mecânica, absoluta e implacável. Uma inflexibilidade revelada até na impiedade nazi diante das crianças, atitude pouco comum nos campos soviéticos. A norma nos redutos do Holocausto era a luta mais extrema do prisioneiro, permanentemente imerso no medo, no horror, na disciplina, no tormento mais intolerável e na antevisão da morte, pela conquista de um estreitíssimo limiar de sobrevivência. Apenas mais uma noite, só mais uma hora, um minuto mais, um breve instante para olhar a luz do dia pela última vez. É esta crua realidade que evocam os conhecidos relatos memorialistas de Élie Wiesel ou de Primo Levi quando enfatizam dramaticamente a ausência de limites na mais brutal luta pela vida. Em *Se isto é um homem* (Lisboa, 1988), Levi recorda como, logo pelo segundo dia passado em Auschwitz, os homens do seu grupo se olhavam já como meros espectros: «não há espelhos para nos vermos mas o nosso aspecto está diante de nós, reflectido em cem rostos lívidos, em cem fantoches miseráveis e sórdidos.» Um pequeno mundo, o único mundo possível, onde em pouco tempo o combate total pela sobrevivência transformará cada um no chacal do seu próximo.

Já com as vítimas da Administração Geral dos Campos de Trabalho Correcutivo, projectada logo na época do Terror Vermelho pelo poder bolchevique – em *Gulag, em Uma história* (Porto, 2004), Anne Applebaum recorda-nos que o primeiro estabelecimento foi aberto em Semenovsky, perto de Moscovo, logo no mês de Outubro de 1918, não eram necessariamente a origem étnica e a condição social a determinar a pena e o encarceramento. Detidos e deslocados pelos mais diversos motivos, os internados eram genericamente classificados como representantes do «inimigo de classe», sobreviventes incómodos de um tempo a ultrapassar, obstáculos vivos, quase sempre tomados como irrecuperáveis, que apenas embaraçavam a caminhada triunfal do «homem novo» e deveriam ser banidos por uma vez da sociedade. Por isso, a desumanização e a demonização do prisioneiro, sendo reais, foram em regra circunscritas ao seu lugar de alvo a ferir no combate por uma necessidade histórica que a ditadura do proletariado e a construção do socialismo pretendiam forçar. Nestas condições, o essencial do

esforço carcerário era aplicado na erradicação dessas pessoas do convívio social normal, ou, num certo número de casos, na sua «reeducação» pela via da disciplina e do trabalho. Não na mecanização sistemática do extermínio.

Esta característica é capital para compreendermos um lado da vida no imenso território do *Gulag* que uma grande parte da sua memória escrita nos oferece. A evocação que fazem os autores que sobreviveram ao maior, mais duradouro e mais povoado dos sistemas de campos da História não se limita ao testemunho individual do sentimento de injustiça, da dor, da solidão, da exaustão e do silenciamento, ou, em alguns momentos, ao relato da punição arbitrária e da tortura, suficientes para deixarem, junto deles, dos seus familiares ou dos poucos amigos e próximos que lhes não fugiram, metástases de um passado que não foi possível apagar. Integra também uma outra dimensão, permitida por uma expectativa persistente de sobrevivência que moldou existências pessoais e sociabilidades, e foi traduzida, no quotidiano dos campos, na busca de um caminho redentor localizado em pequenos refúgios de conforto pessoal, de conservação da dignidade e de demanda do humano, associados por vezes a uma particular consciência de missão.

Entretanto, desde *Where one hears no laughter* (*Onde não se ouve o riso*), subtitulado «*fragmentos de uma memória*», impresso em Paris no ano de 1928 e da autoria da activista anti-bolchevique e antiga professora P. E. Melgunova-Stepanova, provavelmente o primeiro relato do internamento político na União Soviética publicado em livro por um ex-prisioneiro, que a literatura do *Gulag* combinou sempre os factos relatados como testemunho presencial com a assumida ficcionalização da experiência narrada pelos seus autores. Ainda que os textos publicados na emigração tenham sido predominantemente de natureza factográfica e aqueles que já na era pós-Estaline puderam ser publicados na ex-U.R.S.S. possuísem uma natureza predominantemente ficcional, esta hibridez dos registos e dos processos manteve-se sempre uma constante. Foi ela justamente que permitiu preservar na memória os vestígios tangíveis daqueles espaços de um bem-estar salvífico, localizado, num apenas aparente paradoxo, sobre uma paisagem pontuada pela dor, morte e desolação.

Assim aconteceu em *Um dia na vida de Ivan Denisovitch* (Mem Martins, 1972), de Alexander Soljenitsine (1918-2008), divulgado em Novembro de 1962 no jornal *Novyi Mir*, logo após o novo impulso na denúncia dos crimes da era de Estaline, lançado um ano antes, durante o XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Pela primeira vez, a voz de um *zek*, de um ex-encarcerado, de um pária social, era admitida como parte da literatura soviética, com direito a adoptar uma voz pública. O seu enorme e imediato impacto resultou todavia, em certa medida, de se tratar de um romance e não de um depoimento

e, em consequência, de seguir o padrão de narrativa que à época o leitor soviético comum estava em condições de reconhecer como familiar. Ali foram desvendados ao olhar do simples cidadão aspectos da brutalidade do sistema de repressão dos dissidentes e outros «elementos perniciosos» que viviam acantonados nos campos: prisioneiros subnutridos enfrentando o inferno branco do Cazaquistão com sapatos mais pequenos que os seus pés e luvas que se rasgavam ao menor movimento, dormindo em barracas a abarrotarem de catres acanhados, tapados com cobertores imundos e esfarrapados, aguardando a cada manhã pela chegada de um frio ainda mais intenso pois a única situação em que eram dispensados do trabalho braçal era quando o termómetro descia abaixo dos 41 graus negativos. Nessas ocasiões, sobrevinha então «um sentimento de quase-felicidade» e a sensação de que, apesar das condições infra-humanas com as quais era inevitável coabitar, «nada iria estragar o dia».

A predominância do padrão ficcional da narrativa defronta-se, entretanto, com a realidade que a percorre. O hoje consagrado escritor, jornalista e poeta russo Varlam Shalamov (1907-1982) comentará que «o homem de hoje testa-se a si próprio e às suas acções não diante das acções de Julien Sorel, Rastignac ou Andrei Bolkonski, mas perante os acontecimentos e as pessoas da vida real», uma vida «da qual o próprio leitor é ao mesmo tempo testemunha e participante». A existência sobre a qual escreveu Shalamov e todos os autores do *Gulag* nada tinha, de facto, de aventuroso, de essencialmente imaginado, nem eles eram heróis românticos – como aqueles retirados dos romances de Stendhal, Balzac e Tolstói – agindo sobre uma realidade que podiam controlar, vivendo antes mergulhados num cenário destinado a testar a resistência do humano. As suas memórias reportam-se sempre, como já em 1862 Dostoievski escrevera a propósito das prisões siberianas, nas quase autobiográficas *Recordações da Casa dos Mortos* (Lisboa, 1963), a «um mundo à parte, diferente de tudo o resto, com leis próprias, os seus próprios hábitos e comportamentos», pelo qual circulava um povo também «à parte», submetido a regulamentos que seriam intoleráveis em qualquer outro lugar.

Outro aparente paradoxo, incompreensível fora de um contexto humano muito particular, instala-se aquando os textos que registam a memória dos campos, como anota a professora e ensaísta Leona Toker em *Return from the Archipelago* (Bloomington, 2000) – já considerado um «estudo emotivo» sobre as narrativas literárias do *Gulag*, descrevendo-a também como uma experiência estética. Muitos deles juntam então, ao relato pormenorizado da prisão, do simulacro de julgamento, da deslocação forçada para o campo de destino, do ritmo do trabalho ou da prova da fome, um outro lado, muito pessoal, que configura, como avesso do real, um *locus* de refúgio e de sobrevivência acantonado naquele

recanto onde ainda é possível reservar um espaço, por estreito que ele possa parecer, para a dimensão estritamente privada e profundamente íntima da vida.

Reúnem-se aqui dois factores decisivos. O primeiro diz respeito à tensão entre o comportamento ético e o impulso estético, associado à dupla dimensão das narrativas do *Gulag* enquanto depoimentos pessoais e obras de arte. O segundo relaciona-se com a conexão entre as preocupações individuais e as necessidades colectivas que nestas sempre ocorre. Um bom exemplo é-nos oferecido em *My Recollections* (Frankfurt, 1971), *As minhas recordações*, de Ekaterina Ulitskaya, uma antiga activista socialista-revolucionária detida durante as enormes vagas repressivas da década de 1930. Ulitskaya menciona o seu isolamento emocional e político enquanto representante de um sector político que os seus companheiros de campo julgavam já extinto («mas tu és um ictiossauro!», disse-lhe certa vez alguém). Reconhece porém que esse lugar particular lhe conferiu um forte «espírito de missão», um dever e um impulso de militante, mesmo sob estado de detenção, que a ajudou a assegurar um sentido ético à sua vida. Em todo o livro transparece então uma altivez, um perceptível sentimento de orgulho, pela grandeza do combate solitário mas indispensável, que acreditava continuar a travar contra a institucionalização da traição, da injustiça e do mal.

Próprios da vida do detido em qualquer sistema prisional de total reclusão, os momentos de privatização da vida do condenado, aqueles que lhe conferem vestígios de dignidade num universo aplicado em lembrar-lhe que merece o seu enclausuramento, surgem nos mais inesperados momentos. Aqui, todavia, os relatos insistem em atribuir-lhe um papel nuclear na conservação do amor pela vida e na resistência à degradação do estado de humanidade. Passa-se logo com os primeiros contactos pessoais mantidos nas circunstâncias traumáticas da viagem e da chegada ao campo, quando se detecta em alguém, ainda que de maneira fugaz, uma palavra menos fria, um olhar aparentemente cúmplice, um débil sorriso. Acontece com a perspectiva de se poder alcançar uma vida nova – e um pouco melhor – sempre que ocorre uma transferência de campo. Ocorre com a concentração da inteligência e da iniciativa diária na preparação de uma hipotética fuga. Mas tem sobretudo lugar nos pequenos instantes, episódios que noutro tempo ou território seriam banais, e que se revelam capitais como factores de sobrevivência e da conservação do amor-próprio: conversas íntimas ocasionais, oportunidades para ler um pouco, uma fugaz troca de piadas, uma fotografia amarelecida que relembra o passado, a ocasional liberdade de movimentos motivada pelo desleixo casual de um guarda, o pequeno pedaço de pão esquecido pelos carcereiros, a mão-cheia de bagas silvestres que permitem melhorar a dieta, os instantes de solidão absoluta na companhia da natureza, uma canção que se entoa a sós no silêncio da tundra ou nas traseiras de um armazém de ferramentas, pequenos gestos

de gentileza de um companheiro, a amizade com pessoas incomuns que de outro modo jamais teria sido possível conhecer. Em *Journey into the Whirlwind* (New York, 1967), *Viagem ao centro do furacão*, Eugenia Ginzburg (1904-1977) evoca exemplarmente um breve instante da sua pena de 18 anos, no qual lhe foi possível olhar o céu e respirar o ar fresco: «Afinal, apesar de tudo, ainda há lugares assim no mundo.» Funcionando como momentos de reconfortante humanidade, os raros actos de indisciplina surgem também destacados em numerosos relatos de carácter memorialista ou assumidamente ficcionado de antigos prisioneiros.

Não menos importante, aparece igualmente nos textos, de maneira recorrente, uma tentativa de definição de um padrão de vida ascético que, para além de ser imposto pelas circunstâncias de uma existência obrigatoriamente sóbria e severa, funciona também como filosofia de vida, caracterizada por uma dimensão espiritual muito grande que pode igualmente pacificar um pouco o autor-prisioneiro com a ausência de liberdade que enfrenta e a percepção da injustiça da qual considera ter sido objecto. Naturalmente, a este aspecto encontra-se muitas vezes associada uma religiosidade íntima, forte e sempre consoladora na sua dimensão espiritual, na qual um grande número de autores da literatura do *Gulag* irá também insistir. O ente supremo aparece aí principalmente como um interlocutor, um companheiro, por vezes um cúmplice.

O cárcere como lugar de remissão pessoal surge manifesto em *O Arquipélago de Gulag* (Amadora, 1975-1977), a obra canónica de Soljenitsine que primeiramente esclareceu a configuração orgânica do sistema de campos soviético e divulgou ao mundo a sua existência. A importância da prisão como «escola da vida», como lugar de crescimento pessoal e intelectual, é aí particularmente vindcada, sobretudo nos capítulos autobiográficos. «É grande a bifurcação da vida, da qual partem duas estradas, uma à direita, outra à esquerda. A primeira eleva-se um pouco, a segunda sobe e desce. À direita perde-se a vida, à esquerda, a consciência», afirma a dada altura o escritor, para logo tentar resolver o impasse: «um impulso poderoso invade então a caixa torácica, cerca o coração de um halo eléctrico, para impedi-lo de parar.» A macrometáfora apresentada por Soljenitsine, desenhando o *Gulag* como um imenso arquipélago, uma sucessão complexa de ilhas-campo, funda-se na transformação de cada uma delas num território doloroso de educação para a sobrevivência, apresentando-se o trânsito dos prisioneiros entre elas, ocorrido aliás com o próprio autor, como uma peregrinação por lugares que servem não enquanto penitência mas como via-sacra redentora. Na verdade, «a prisão regenera profundamente o homem (...), sempre na direcção de um aprofundamento do ser», pois, como dizia uma pequena frase que corria nos campos, «o cativo constrói». Sentir-se-á até «um certo prazer em transportar carrinhos cheios de detritos» se ao mesmo tempo for possível achar um breve

momento para «conversar com os companheiros acerca da influência do cinema na literatura». Se é verdade que o sistema desejava aniquilar o detido, este tudo deveria então fazer para resistir e promover a sua reabilitação, definida pelas regras de moral que ele próprio escolheria, não por aquelas que o sistema lhe procurava todos os dias impor.

Os escritos de Shalamov, que o próprio descreverá como «ficção verídica», testemunham igualmente esta busca constante de uma autorremissão alcançada dentro dos espaços e no quotidiano dos campos. Sobretudo nos *Kolyma Tales* (London, 1994), *Os Contos de Kolyma*, escritos entre 1953 e 1963 mas reportando-se a uma experiência anterior, onde combinou a experiência pessoal e relatos que foi escutando durante os longos anos de cativo que cumpriu a partir da década de 1930, Shalamov tornou clara a importância desse grande território de procura. No conto «Rações Secas», por exemplo, o narrador afirma ter compreendido que a vida, mesmo a pior das vidas, «consiste numa alternância de alegrias e penas, de sucessos e falhanços, e de que não se devem temer os falhanços mais do que os sucessos», para um pouco à frente concluir que, sob as condições da vida nos campos, tanto quanto manter a saúde física, é preciso combater com coragem, sem desfalecimento, «a falta de esperança» e «a indignidade». É esse o seu programa para a sobrevivência enquanto ser humano nos campos da morte siberianos de Kolyma. Em «Um Epitáfio», uma evocação emocionada dos companheiros de prisão mais próximos de si que vira definhando e morrer, coloca na boca do prisioneiro Volodia Dobrovoltsev as seguintes palavras: «Eu podia ver os braços e as pernas cortados e ser um cepo humano, sem braços nem pernas. Mas ainda assim encontraria força suficiente para lhes cuspir na cara por tudo aquilo que nos têm feito...». A bravura enquanto última trincheira que assegura a resistência do detido à sua redução ao mais completo estado de infâmia e de anulação da humanidade.

Resta sublinhar aquilo que deverá parecer óbvio: este processo não é homogéneo, uma vez que a sua rememoração é transmitida através de relatos escritos sobre referências factuais que se prolongaram por mais de seis décadas e por diferentes estádios de vivência da actividade e do confinamento ao regime dos campos. As memórias que se reportam já ao período pós-estalinista irão acentuar a dimensão do privado e mencionarão experiências, fora do quadro processual, que se aproximam cada vez mais daquelas que são comuns à generalidade das instituições prisionais modernas. Nelas predomina claramente a componente ficcional. Bastante mais sombrios, já os relatos das décadas negras de 1930-1940, geralmente muito próximos do testemunho e do grito de revolta, enfatizam sobretudo as estratégias de resistência face aos ritmos de vida e de trabalho violentos e aviltantes. Nuns e noutros, sempre a busca de uma conciliação entre o tempo

da forçada clausura, imposta por uma ordem política e jurídica tomada como opressiva e arbitrária, e a demanda do humano materializada num combate pela dignidade que se pretendia libertador. Contra esse apagamento que, enquanto «inimigos objectivos» – nas palavras tomadas ao prisioneiro-poeta Alexander Tvardovsky (1910-1971), «marcados todos como traidores» – uma unívoca «ordem socialista» lhes havia fixado como destino.

BIBLIOGRAFIA

- APPLEBAUM, Anne, *Gulag. Uma História*, Porto: Livraria Civilização, 2004.
- COHEN, Stephen F., *The Victims Return: Survivors of the Gulag After Stalin*, Exeter, N.H.: PublishingWorks, 2010.
- FITZPATRICK, Sheila and Yuri Slezkine (eds.), *In the Shadow of Revolution*, Princeton: Princeton University Press, 2000.
- HOLLANDER, Paul (org.), *From the Gulag to the Killing Fields*, Wilmington: ISI Books, 2007.
- KRUPA, Michael, *Shallow Graves in Siberia*, Edinburgh: Birlinn, 2004.
- SHALAMOV, V, *Relatos de Kalimá*, Barcelona: Minuscula, 2007.
- TOKER, Leona, *Return from the Archipelago. Narratives of Gulag Survivors*, Bloomington: Indiana University Press, 2000.
- TODOROV, Tzvetan, *Facing the Extreme: Moral Life in the Concentration Camps*, New York: Holt Paperbacks, 1997.
- TZOULIADIS, Tim, *The Forsaken: From the Great Depression to the Gulags - Hope and Betrayal in Stalin's Russia*, London: Abacus, 2009.
- WERTH, Nicolas, *A Ilha dos Canibais - 1933, Deportados ao Abandono na Sibéria*, Colares: Pedra da Lua, 2007.